

**Perfil epidemiológico de casos de hanseníase na cidade de Januária (Minas Gerais)
entre os anos de 2021 e 2025: um estudo transversal**

Monique Maurício Costa¹, Ana Carolina Quintanilha Rodrigues², Arthur Passos Marchese³,
Eduarda Roberta da Silva Souza⁴, Isabela Coelho Fiel⁵, Nathália Viana Medrado⁶, Hellen
Rodrigues Teixeira Silva Daameche⁷

niquemcosta13@gmail.com

Área Temática: Medicina.

Resumo

Introdução: a hanseníase é uma doença infectocontagiosa de evolução crônica, ainda considerada um importante problema de saúde pública no Brasil. **Objetivo:** analisar o perfil epidemiológico dos casos registrados no município de Januária (MG), entre 2021 e 2025, por meio de dados secundários obtidos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/DATASUS). **Metodologia:** trata-se de um estudo transversal com análise descritiva das variáveis sexo, faixa etária, raça e escolaridade. **Resultados e Discussão:** no período analisado, foram notificados 745 casos de hanseníase, dos quais 64,5% ocorreram em mulheres e 35,5% em homens. A maior concentração foi identificada em indivíduos de 30 a 59 anos (54%), seguida pelos idosos com 60 anos ou mais (35%). Quanto à raça, a maioria dos casos foi observada em pardos (62%), refletindo o perfil demográfico regional. Em relação à escolaridade, predominou a ocorrência entre pessoas com ensino médio ou superior completos (32%), embora a subnotificação entre indivíduos de baixa escolaridade possa ter influenciado os resultados. **Conclusão:** a hanseníase mantém-se como um agravo relevante no município, sendo necessária a ampliação das estratégias de diagnóstico precoce, educação em saúde e acesso aos serviços, visando reduzir a transmissão e as incapacidades físicas associadas. **Palavras-chave:** Epidemiologia; Hanseníase; Januária; Saúde pública.

1 INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa e crônica, com abrangência em todo o mundo, que tem como agente etiológico a bactéria *Mycobacterium leprae*, um bacilo álcool-ácido resistente. (Traúzola et al., 2022) A transmissão ocorre por contato próximo e prolongado com pessoas infectadas não tratadas, por meio das vias respiratórias (Brasil, 2025).

O quadro clínico caracteriza-se por lesões cutâneas típicas, granulomas com redução de sensibilidade, formigamento e astenia em mãos e pés, acometendo principalmente os nervos periféricos superficiais da pele e troncos nervosos periféricos. Além disso, pode acometer outros órgãos e tecidos, incluindo mucosa do trato respiratório superior, vísceras abdominais, linfonodos, medula óssea, testículos, músculos e ossos (Traúzola et al., 2022).

O tratamento deve ser instituído precocemente, pois a hanseníase, em geral, evolui de forma lenta e progressiva, mantendo-se transmissível e afetando indivíduos de qualquer sexo ou idade. Sem intervenção adequada, o avanço do quadro clínico pode levar a incapacidades

físicas, principalmente pela lesão neural, resultando em perda da força muscular, deformidades e úlceras cutâneas (Brasil, 2017).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a hanseníase é classificada em paucibacilar (PB) de 1 a 5 lesões cutâneas, com baciloscopia obrigatoriamente negativa, e Multibacilar (MB) mais de 5 lesões de pele e/ou baciloscopia positiva, com comprometimento neural e carga bacteriana elevada (Brasil, 2017).

Trata-se de uma doença de notificação compulsória e investigação obrigatória, devido à sua relevância epidemiológica. Constitui, portanto, um importante problema de saúde pública, sendo o Brasil o segundo país no mundo em número de novos casos registrados. Desde a década de 1980, políticas públicas têm sido implementadas para o controle da doença; contudo, ainda existem falhas na divulgação dos sinais clínicos e das opções de tratamento, o que contribui para a manutenção de casos não diagnosticados e não tratados (Brasil, 2025).

Dessa forma, a persistência de novos registros evidencia falhas no diagnóstico precoce e na interrupção da cadeia de transmissão. Em municípios de médio porte, como Januária (MG), a análise do perfil epidemiológico da doença torna-se fundamental para compreender a dinâmica local da endemia, identificar grupos populacionais mais vulneráveis e orientar estratégias de vigilância e assistência à saúde.

Nesse contexto, considerando a relevância do tema, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico dos casos de hanseníase no município de Januária (MG), no período de 2021 a 2025.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, baseado em análise estatística descritiva, realizado a partir de dados coletados no mês de setembro de 2025, provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

No portal do DATASUS, foi selecionada a opção “Informações de Saúde (TABNET)”;

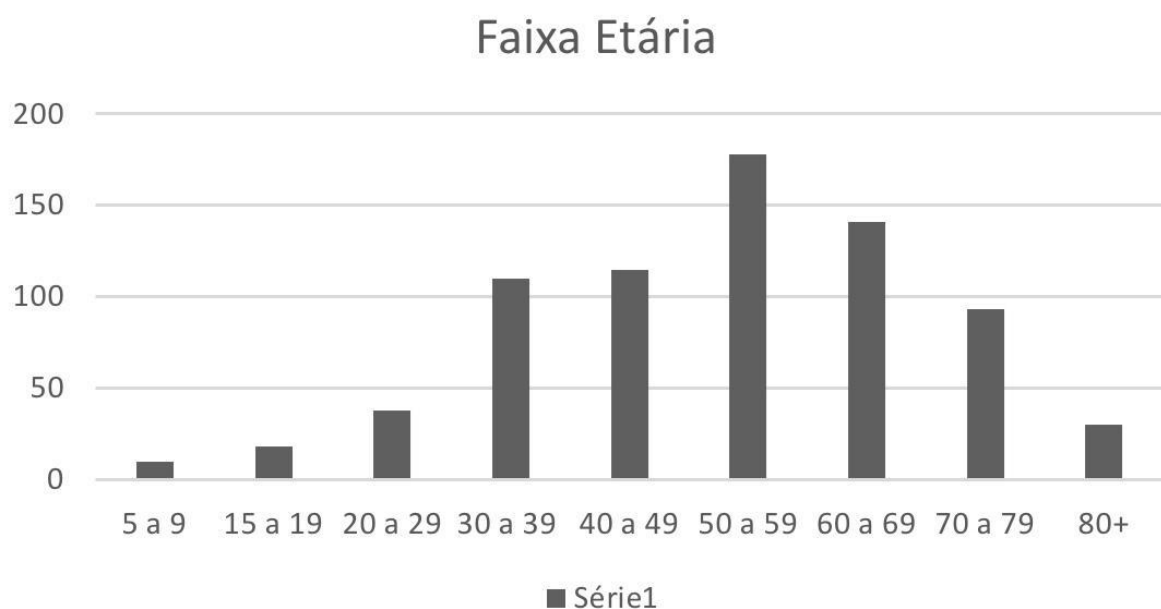
em seguida, acessou-se o módulo “Epidemiológicas e Morbidade”, e posteriormente o subgrupo “Casos de Hanseníase – desde 2001”. Para a abrangência geográfica, optou-se pelo estado de Minas Gerais, a fim de obter dados referentes ao município de Januária, no período de 2021 a 2025. A população do estudo foi composta por pacientes diagnosticados com hanseníase e residentes no município durante o período analisado. As variáveis analisadas incluíram sexo, faixa etária, raça/cor e escolaridade.

A presente pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos, com respaldo da resolução 510/2016, por se tratarem de dados secundários, de acesso e domínio público.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os registros de hanseníase no período de 2021 a 2025, observou-se maior concentração de casos na faixa etária de 30 a 59 anos (403 casos - 54%), seguida dos indivíduos com 60 anos ou mais (264 casos - 35%). Em contraste, entre 5 e 29 anos, o número foi significativamente menor (66 casos - 8%) como é possível constatar no gráfico 1. Esse padrão etário pode ser explicado pela própria fisiopatologia da hanseníase. Após a infecção pelo *Mycobacterium leprae*, a manifestação clínica geralmente ocorre de forma tardia, em virtude do longo período de incubação. Além disso, a evolução insidiosa e progressiva da doença contribui para que os sinais clínicos se tornem mais evidentes apenas na vida adulta. A presença de casos em menores de 15 anos, embora menos frequente, é relevante por indicar transmissão ativa e falhas no controle da endemia (BRASIL. Ministério da Saúde, 2022.). Já nos idosos a expressiva incidência observada pode refletir múltiplos fatores interligados, incluindo o diagnóstico tardio — frequentemente relacionado ao estigma social que ainda permeia a doença e reduz a busca pelos serviços de saúde —, bem como os efeitos da imunossenescência, processo natural de declínio da resposta imunológica com o avanço da idade, o que influencia a susceptibilidade e a expressão clínica da infecção. Ademais, a coexistência de comorbidades pode mascarar ou retardar o reconhecimento precoce da hanseníase (ROCHA et al., 2020).

Gráfico 1: Casos de hanseníase por faixa etária, no período entre 2021 e 2025 no município de Januária (MG).



Fonte: próprios autores (2025)

Em relação à incidência da hanseníase de acordo com o sexo, observa-se um maior número de casos registrados no sexo feminino, com 64,5% (481 casos) dos acometimentos entre mulheres e 35,5% (264 casos) entre os homens, conforme demonstra o gráfico 2. Essa diferença pode ser explicada pela maior procura das mulheres pelos serviços de saúde, em comparação aos homens, o que aumenta as chances de diagnóstico da doença neste grupo. A baixa adesão masculina ao sistema de saúde está relacionada tanto ao estigma social associado à masculinidade quanto à dificuldade de reconhecer a própria vulnerabilidade. (BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2009).

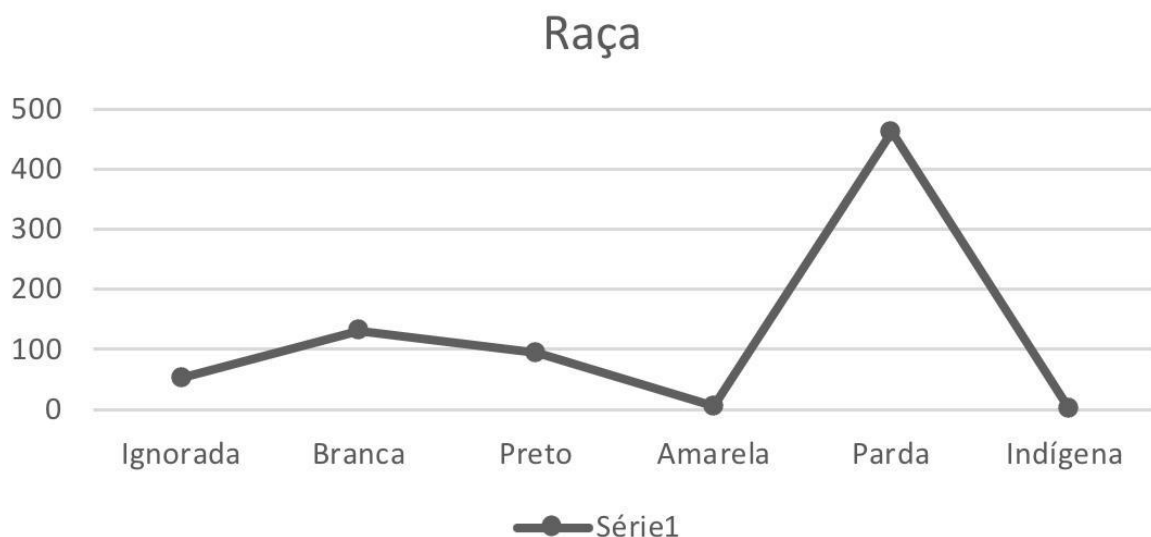
Gráfico 2: Casos de hanseníase por sexo, no período entre 2021 e 2025 no município de Januária (MG).



Fonte: próprios autores (2025)

A análise dos dados referentes à distribuição racial da hanseníase no município de Januária revela maior ocorrência da doença em indivíduos que se autodeclararam pardos, totalizando 462 casos entre os 745 registros (aproximadamente 62% do total), como demonstrado no gráfico 3. As demais raças apresentaram menor incidência: 131 casos em brancos (17,58%), 94 casos em pretos (12,61%), 5 casos em amarelos (0,67%) e 1 caso em indígenas (0,13%). Tal predominância acompanha o perfil demográfico regional e nacional, uma vez que, segundo o Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população parda representa mais de 45% da população brasileira e cerca de 46% da população de Minas Gerais, configurando-se como o grupo étnico mais prevalente. Assim, a maior incidência da hanseníase entre pardos no município estudado reflete, sobretudo, a predominância dessa etnia na população local, e não necessariamente um risco aumentado de adoecimento.

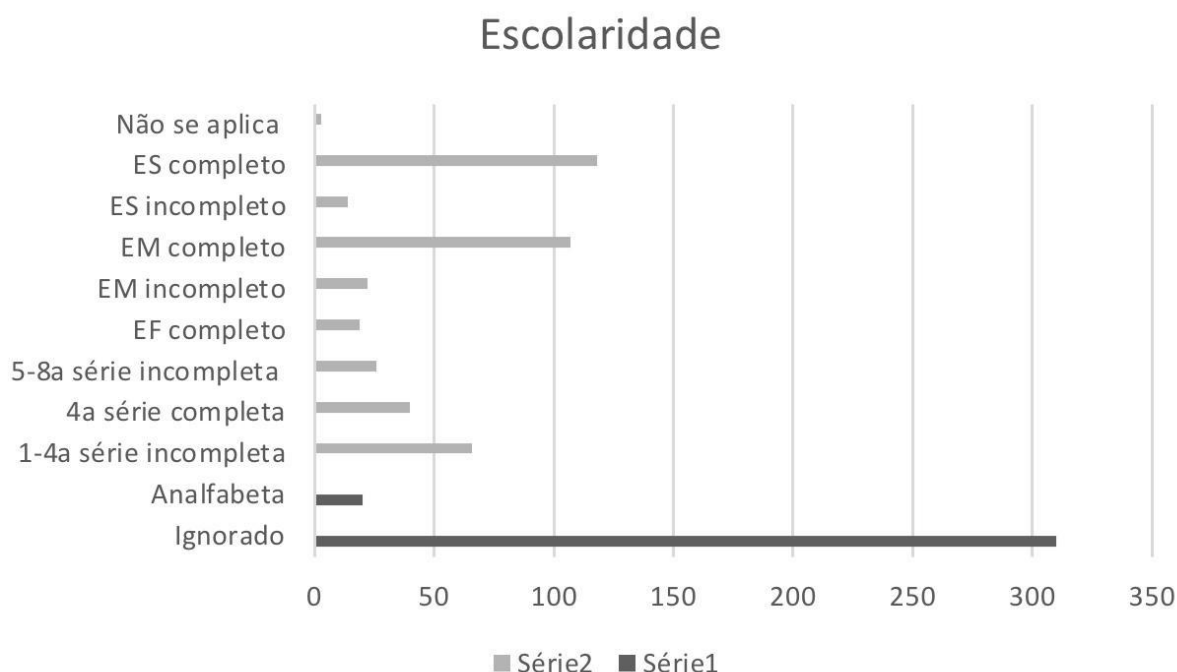
Gráfico 3: Casos de hanseníase por raça, no período entre 2021 e 2025 no município de Januária (MG).



Fonte: próprios autores (2025)

Em relação ao nível de escolaridade dos acometidos por essa patologia, os dados analisados evidenciam maior prevalência de hanseníase entre indivíduos com ensino médio ou superior completos, totalizando 239 casos (32,08%) entre os 745 registros (Gráfico 4). Em contrapartida, pessoas analfabetas ou com baixo grau de escolaridade correspondem a apenas 152 casos (20,40%). Considerando as conhecidas dificuldades de acesso à educação enfrentadas por moradores da zona rural — sobretudo em razão das longas distâncias entre as residências e as instituições de ensino —, é possível associar o baixo nível educacional observado nessa população às condições de isolamento geográfico (IBGE, 2023). Além das barreiras educacionais, esses indivíduos também enfrentam limitações significativas para acessar os serviços de saúde, em grande parte devido à distância até as unidades de atendimento (Brasil, 2020). Dessa forma, a menor incidência observada entre analfabetos e pessoas com baixa escolaridade provavelmente não reflete uma ocorrência real reduzida da doença, mas sim um processo de subnotificação, decorrente das dificuldades de diagnóstico e registro dos casos nesse grupo populacional (Brasil, 2021).

Gráfico 4: Casos de hanseníase por escolaridade, no período entre 2021 e 2025 no município de Januária (MG).



Fonte: próprios autores (2025)

4 CONCLUSÃO

A análise epidemiológica da hanseníase em Januária (MG) entre 2021 e 2025 demonstra que a doença permanece como um desafio para a saúde pública local. A predominância de casos na faixa etária economicamente ativa (30–59 anos) revela importante impacto social e econômico, enquanto a elevada frequência em idosos sugere diagnóstico tardio e dificuldades no rastreamento. A maior proporção de notificações no sexo feminino provavelmente reflete maior procura pelos serviços de saúde, apontando para a necessidade de políticas específicas voltadas à saúde do homem, a fim de reduzir barreiras de acesso. A predominância de casos em pardos acompanha a distribuição demográfica da região, não indicando, isoladamente, maior risco biológico, mas sim reflexo da composição populacional. Já os achados referentes à escolaridade evidenciam possível subnotificação em populações mais vulneráveis e com menor acesso à educação e saúde, o que reforça a importância da busca ativa de casos e da descentralização da atenção. Assim, reforça-se a necessidade de estratégias de vigilância epidemiológica, campanhas educativas e ações de diagnóstico precoce e tratamento oportuno, com vistas à interrupção da cadeia de transmissão e à prevenção das incapacidades físicas e sociais decorrentes da doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Januária (MG) – Panorama*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/januaria.html>. Acesso em: 22 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde – DATASUS. *Casos de hanseníase: desde 2001 (SINAN)*. Brasília: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/aceso-a-informacao/casos-de-hanseniasse-desde-2001-sinan/>. Acesso em: 22 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia de vigilância em saúde: volume 1*. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/guia-de-vigilancia-em-saude-volume-1-5a-edicao.pdf>. Acesso em: 6 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia prático sobre hanseníase* [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/hanseniasse/guia-pratico-de-hanseniasse.pdf/view>. Acesso em: 4 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Hanseníase*. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hanseniasse>. Acesso em: 22 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano Nacional de Saúde 2020–2023*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_nacional_saude_2020_2023.pdf. Acesso em: 4 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria GM/MS nº 3.562, de 12 de dezembro de 2021. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH)*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, ed. 235, p. 119, 15 dez. 2021. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2021/prt3562_15_12_2021.html. Acesso em: 22 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde; Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da Hanseníase* [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. 152 p. il. ISBN 978-65-5993-397-6. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeuticas_hanseniasse.pdf. Acesso em: 4 out. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102072.pdf>. Acesso em: 6 out. 2025.

ROCHA, M. C. N. et al. *Características epidemiológicas da hanseníase nos idosos e comparação com outros grupos etários, Brasil (2016-2018)*. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, p. e00048019, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/2020.v36n9/e00048019/pt>. Acesso em: 6 out. 2025.

TRAÚZOLA, T. R. et al. *Panorama geral da hanseníase no Brasil: uma análise epidemiológica*. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 6, p. e10223, 1 jun. 2022. Acesso em: 22 set. 2025.

VÉRAS, G. C. B.; SOARES, M. de J. G. de O.; SILVA, L. H.; MORAES, R. M. *Perfil epidemiológico e distribuição espacial dos casos de hanseníase na Paraíba*. *Cadernos de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, e31020488, 2023. DOI: 10.1590/1414-462X202331020488. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/txpHMF37JqDZRYFQfhFFsjn/?lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2025.

